

Guia Prático do Jogo

emancipação

JOGANDO CONTRA O MACHISMO



Coordenadoras do projeto: Valeska Zanello e Lígia Rocha Cavalcante Feitosa

Levantamento dos temas para as cartas: Valeska Zanello

Criação das situações e comandos das cartas: Valeska Zanello, Ana Carolina Duarte Martins, Clara Campelo de Albuquerque Soares, Thayse Rios de Sousa Silva, Letícia Silva Almeida; Lígia Rocha Cavalcante Feitosa, Aline Laiane Antunes de Oliveira, Luma Thomaz Marcatti e Juliana de Oliveira Alves

Oficinas de aplicação e validação das cartas: Lígia Rocha Cavalcante Feitosa, Aline Laiane Antunes de Oliveira, Luma Thomaz Marcatti, Juliana de Oliveira Alves, Amanda Macário de Almeida, Laura Benedetti

Revisão e ajustes no conteúdo e comandos das cartas: Lígia Rocha Cavalcante Feitosa; Aline Laiane Antunes de Oliveira; Luma Thomaz Marcatti, Juliana de Oliveira Alves; Raquel de Barros Pinto Miguel; Valeska Zanello; Ana Carolina Duarte Martins, Clara Campelo de Albuquerque Soares; Letícia Silva Almeida

Escrita das cartas Saiba Mais: Valeska Zanello e Lígia Rocha Cavalcante Feitosa

Produção do Guia Prático do Jogo: Valeska Zanello e Lígia Rocha Cavalcante Feitosa

Designers: Juliana de Oliveira Aves (versão escolas públicas); Maria Clara Palma Baldoni (cartilha e versão grande público)

E-mail: jogandocontraomachismo@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial
Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

G943 Guia prático do jogo Emancipação : jogando contra o machismo [recurso eletrônico] / [coordenadoras do projeto Valeska Zanello e Lígia Rocha Cavalcante Feitosa]. — Brasília : [s.n.], 2022.
Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-5854-773-0

1. Jogos em grupo - Ensino médio. 2. Educação - Aspectos sociais. 3. Machismo - Aspectos sociais. 4. Sociologia educacional. I. Zanello, Valeska. II. Feitosa, Lígia Rocha Cavalcante. III. Título.

CDD23: 370.8

SUMÁRIO

- 04** O Jogo de Cartas Emancipação
- 05** Fundamentos do Jogo
- 18** Recursos Necessários
- 20** Conteúdos Temáticos
- 24** Sugestões de Materiais de Apoio
- 26** Referências

O JOGO DE CARTAS EMANCIPAÇÃO

Jogando contra o machismo

DEFINIÇÃO¹

É um recurso educativo que busca promover o letramento de gênero entre adolescentes e jovens. Por meio desse jogo cooperativo é possível nomear e tornar visível as violências de gênero que podem acontecer em diversas situações e contextos. Este jogo é constituído por temas voltados às questões de gênero, performances e emoções gendradas, violências contra as mulheres e masculinidades.

OBJETIVOS

- a. Promover espaços criativos e acolhedores de falas entre adolescentes e jovens acerca das violências de gênero.
- b. Estimular momentos de partilhas sobre as percepções e os conhecimentos que adolescentes e jovens possuem em relação ao machismo e às violências de gênero.
- c. Tornar o conhecimento acerca do letramento de gênero acessível às pessoas.

PÚBLICO-ALVO

Pessoas com idade a partir dos 15 anos.

¹ Este material foi inspirado metodologicamente no Guia Prático do Jogo de Cartas Travessias: Adaptado para o programa Novos Caminhos (Feitosa, 2020).

FUNDAMENTOS DO JOGO DE CARTAS EMANCIPAÇÃO

Os conteúdos abordados se baseiam em conceitos apresentados no livro “Saúde mental, gênero e dispositivos” (ZANELLO, 2018)² e na adaptação metodológica do material “Maria da Penha vai à Escola” (VIZA; SARTORI; ZANELLO, 2017), produzido em parceria com o Tribunal de Justiça do Distrito Federal. As situações construídas no jogo visam tematizar comportamentos e emoções bastante comuns e naturalizados pelo machismo presente em nossa cultura e que se encontram na base de diversas violências de gênero contra meninas e mulheres, e na construção das masculinidades. Os fundamentos que ancoram o jogo buscam promover o letramento de gênero e combater as violências não apenas visíveis, mas também aquelas invisibilizadas pelos costumes. A seguir são apresentados brevemente os eixos temáticos que constituem a fundamentação do *Jogo de Cartas Emancipação*.

RAÍZES CULTURAIS DO MACHISMO: O PAPEL DA CULTURA NA FORMAÇÃO DE GÊNERO

A diferença sexual tem sido usada, há muitos séculos, no Ocidente, como razão para justificar e atribuir tarefas diferentes para homens e mulheres (LERNER, 2019). Porém, com o surgimento e avanço do capitalismo, adquiriu novas facetas: muitas divisões de atribuições que eram consideradas apenas como complementares, passaram a ser lidas como totalmente opostas e marcadas por uma grande hierarquia (LAQUEUR, 2001; SEGATO, 2003; SEGATO, 2020). O binarismo masculino x feminino que conhecemos hoje é fruto dessa transformação. O capitalismo, como sistema econômico, se baseia na divisão sexuada do trabalho (PATEMAN, 2008). Isto quer dizer que mulheres, lidas como tal pelo fato de serem portadoras de útero e potencialmente capazes de gestar, foram relacionadas à atividade de cuidar, tanto das crianças, como das atividades domésticas. O capitalismo também operou a divisão, até então inexistente, entre o espaço público e privado. Tudo aquilo que era realizado neste último âmbito foi relacionado aos homens, sendo compreendido como trabalho, digno de remuneração e de reconhecimento (*status*).

No caso das mulheres, até fins do século XVII, na Europa, era comum que, depois de terem filhos, os mesmos fossem amamentados e cuidados por outras mulheres (BADINTER, 1985). O índice de mortalidade infantil era muito alto e foi este justamente o problema que precisou ser enfrentado pelo novo

² Há uma versão resumida em formato de livro de bolso: “Prateleira do amor. Sobre mulheres, homens e relações” (ZANELLO, 2022).

sistema econômico. O capitalismo precisa de excedente populacional para ser um sistema lucrativo. Era preciso, assim, convencer as mulheres a amamentarem seus filhos, depois a educá-los, e mais tardiamente (no século XX), a se tornarem responsáveis pelo seu desenvolvimento emocional.

O século XVIII foi crucial nessa transformação: aqui certas diferenças físicas (sexuais, mas também raciais) foram então tomadas como justificativa para explicar as desigualdades sociais. Isso ocorreu na relação entre homens e mulheres, mas também entre população branca (caucasiana) europeia e outros povos não-europeus. Foi neste momento que surgiu o discurso do “instinto materno”, construção ideológica, com verniz científico, que naturalizou o cuidar como uma suposta essência e vocação das mulheres. Sendo entendido como atividade “natural”, o cuidado não foi considerado trabalho, portanto, além de invisível, não seria digno nem de ser remunerado, menos ainda reconhecido (FEDERICI, 2019). Em relação ao racismo, destaca-se que populações não europeias foram vistas como subdesenvolvidas e, por isso, passíveis de serem exploradas, escravizadas e exterminadas.

Como apontamos, além de pensados agora como completamente diferentes, homens e mulheres foram entendidos como possuidores de qualidades totalmente opostas. Se homens eram vistos como ativos, enérgicos, decididos, inteligentes, sexuais, ambiciosos, racionais; mulheres foram tomadas como passivas, frágeis, inseguras, confusas, sem libido, disponíveis para cuidar e acolher, puramente emocionais. Ademais, essas qualidades foram avaliadas de modo bastante distinto, com uma hiper valorização das qualidades ditas masculinas e uma desvalorização daquelas tidas como femininas. Essa leitura desigual passou a ser utilizada para justificar o não acesso de mulheres a vários âmbitos sociais e direitos, como por exemplo, ao voto e ao exercício profissional remunerado. Seu espaço “natural” seria a casa e a família.

Isto veio a ser problematizado apenas no final do século XIX e início do XX, com o movimento de mulheres que se tornou conhecido como “as sufragistas”. Trata-se da primeira onda feminista (PISCITELLI, 2009). No entanto, ela não foi homogênea, nem abarcou todas as mulheres. Enquanto mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto e pela participação na política, a maioria das mulheres negras, em nosso país (que mal tinha acabado de decretar a abolição), lutava por condições dignas de trabalho e sobrevivência.

A palavra “gênero” surgiu apenas nas décadas de 60-70 (na segunda onda feminista), e foi utilizada por dois pesquisadores: John Money e Robert Stoller. Neste momento, as desigualdades

entre homens e mulheres passaram a ser tematizadas e pesquisadas no mundo acadêmico de forma mais intensa³. Gênero foi compreendido como o desempenho de papéis sociais, atribuídos a partir da diferença sexual. Na época, a reflexão ainda se pautava em categorias no singular: homem e mulher. Deste modo, muitos grupos que não se viam representados nessa representação única começaram a contestá-la. Faziam parte desse movimento mulheres negras, latinas, lésbicas, etc., mas também homens (negros, gays, etc.). Isso eclodiu na terceira onda feminista, em fins da década de 80, e cuja autora mais famosa é a filósofa Judith Butler. Para a autora, a própria diferença sexual deve ser entendida como uma construção de gênero (BUTLER, 2012). Isto é, o acesso ao corpo nunca se dá fora da linguagem e de uma interpretação cultural. O que a autora aponta, assim, é que certas diferenças físicas (dentre outras inúmeras possíveis) foram tomadas, como vimos, para justificar as desigualdades sociais.

Para Butler (1990), “gênero” deve ser compreendido como uma repetição estilizada de performances, cujos scripts (roteiros) foram construídos historicamente e culturalmente. Em outras palavras, em sociedades sexistas, existem roteiros que nos dizem como devemos nos comportar como um “verdadeiro” homem ou uma “verdadeira” mulher. Há certa liberdade individual na performance dos scripts, porém ela é limitada. Quando se performa de acordo com o que é prescrito, recebem-se reforços sociais; quando não, o que ocorrem são sanções que vão desde o círculo familiar às instituições sociais.

A palavra “gênero” tem sido usada, hoje, em nosso país, em pelo menos 3 sentidos distintos (ZANELLO, 2018): **a)** como construção binária masculino x feminino; **b)** como orientação sexual; **c)** como identidade de gênero. Trata-se de 3 recortes diferentes, com pautas também específicas. A primeira acepção aponta para a configuração histórica de certa correlação entre gestos, gostos, trejeitos, etc. e corpos do sexo masculino e feminino. O que se constrói é a ideia de que existem comportamentos, habilidades, emoções humanas que seriam “masculinas” ou “femininas”. A segunda acepção aponta para a diversidade de orientação sexual, para além da heteronormatividade. E a terceira, para as questões de não correlação (ou fluidez) entre sexo e qualidades consideradas masculinas ou femininas. Sobre tudo as duas últimas acepções, dizem respeito à pauta da diversidade, enquanto a primeira, à pauta estrutural da igualdade.

Destacamos, ainda, que “gênero” é um conceito relacional e implica sempre relações de poder, de privilégios, de maior ou menor prestígio, ou seja, de distribuição desigual de poder. O presente jogo, *Emancipação: jogando contra o machismo*, tem como foco a primeira acepção. No entan-

³ Pesquisas teóricas e empíricas já haviam sido realizadas anteriormente por autoras de peso, tais como Margareth Mead, na Antropologia, e Simone de Beauvoir, na Filosofia.

to, adotamos aqui a ideia do *binarismo estratégico* (SPIVAK, 1985). Trata-se de reconhecer que o binarismo é uma construção cultural, historicamente localizada, mas que precisamos ainda de categorias binárias para dar conta de nomear os fenômenos provocados pelo binarismo e suas consequências sobre os processos de socialização e sofrimentos causados. A violência contra as mulheres é um exemplo. Ou seja, é preciso manter em mente que o binarismo não existe em si mesmo, mas como produto cultural, precisa ser entendido e questionado, inclusive para ser desconstruído (ZANELLO, 2018). Além disso, é preciso fazer uma leitura interseccional (GONZALEZ, 1984; CRENSHAW, 2002) das qualidades/características ditas masculinas ou femininas, pois se é esperado de mulheres em geral a subserviência, por exemplo, isso se torna ainda mais intenso em relação a mulheres negras.

Levando isso em consideração, é preciso então destacar que em nossa sociedade, ainda profundamente sexista e binarista, tornar-se pessoa ainda é pensado como tornar-se homem ou mulher. Em outras palavras, existe um profundo trabalho de socialização, desde o nascimento de um bebê, a partir da diferença sexual, para produzir certos tipos de ser homem e de ser mulher. Isso implica desde comportamentos como o uso de maquiagem, andar assim ou assado, usar certas vestimentas às emocionalidades, como por exemplo formas de amar e de odiar. A teoria usada nesse jogo trata desses processos de subjetivação e a escolha da mesma neste baralho tem como objetivo visibilizar e problematizar comportamentos e emoções que parecem “naturais” e que se fazem presentes no machismo cotidiano e nas diversas situações de violência contra as mulheres.

Gênero deve ser assim entendido tanto como performance (BUTLER, 1990) quanto como emocionalidade (ZANELLO, 2018). Com isso, queremos apontar que as emoções, assim como os comportamentos, são aprendidas, mediadas pela cultura. Aprendemos a sentir as coisas de uma determinada forma e a suprimir outras formas de sentir. Mas como ocorre essa aprendizagem, tanto das performances como das emoções? Através de quais mecanismos?

A aprendizagem social ocorre em vários âmbitos, que vão desde a convivência direta com os cuidadores ou família próxima a meios institucionalizados, como a escola. A principal forma de aprendizagem se dá através das “tecnologias de gênero” (LAURETIS, 1994). Trata-se de produtos culturais que não apenas retratam os valores e ideais de gênero já existentes em determinada época, mas têm ainda a capacidade de produzir, incitar, criar, reiterar (novos ou não) comportamentos e emoções. Exemplos de tecnologias de gênero seriam os desenhos, filmes, novelas, propagandas, músicas, etc. As tecnologias de gênero geralmente voltadas para o público feminino elegem o amor e o cuidado como temas centrais; já para os homens, teríamos a ação, o sucesso profissional e a virilidade sexual.

Vamos dar exemplos, para que o(a) leitor(a) entenda bem essas tecnologias. Peguemos um desenho e um filme direcionados para as meninas e mulheres. Primeiro, *A pequena sereia*. Nele, Ariel, sereinha curiosa e desbravadora, se apaixona por um homem e decide barganhar com a bruxa do fundo do mar um corpo de mulher, para poder conquistar o príncipe. O que lhe é pedido em troca é que abra mão da própria voz. Assustada, ela pergunta à bruxa como conquistará o homem, sem voz. E a bruxa lhe responde, rebolando: “Para que voz se você tem quadris?”. Três grandes pedagogias afetivas se fazem presentes nesse desenho, para as meninas. O que elas aprendem é que: a) a coisa mais importante na vida de uma mulher é ter um homem; b) se ela quiser ter um homem, precisa aprender a se calar; c) o corpo é o principal “capital” que ela possui para atingir esse objetivo (de “ter” um homem). Outro exemplo, filme de grande sucesso de bilheteria: *A bela e a fera*. Nele, uma menina “linda” se casa com um monstro e, com muito esforço pessoal, ajuda a transformar o monstro em príncipe encantado! Temos a mesma ideia na história da princesa que beija um sapo... pergunto a você, leitor(a), quantos filmes e desenhos você conhece nos quais um príncipe se casa com uma monstra ou beija uma sapa? O que meninas e mulheres aprendem com essa tecnologia de gênero é que depende delas a transformação dos parceiros e que mesmo o mais “perebado dos perebados” tem salvação! Não é à toa que tantas mulheres persistem em relações abusivas, acreditando que o homem vai se transformar e que depende do esforço e abnegação delas essa transformação!

Para os meninos e homens, a principal tecnologia de gênero atual é a pornografia. Ela se faz presente não apenas em filmes literalmente pornográficos, mas também, através da pornografização da cultura, a qual ocorre, por exemplo, em propagandas que transformam os corpos das mulheres em simples objetos de consumo. O que é incitado nos meninos e homens é, sobretudo, a capacidade de objetificação sexual. Isto é, a transformação sobretudo das mulheres em coisas e pedaços de coisas e o estabelecimento de uma relação hierárquica pautada pela subjugação das mesmas (ZANELLO, 2020). Um outro exemplo no qual essa objetificação é incitada: o pai vai pegar seu filho na escola, um menininho de 3 anos, e o encontra brincando no parquinho de areia com uma menininha. Assim que o coloca no colo, pergunta: “Ei Dudu, quem era aquela ali, sua namoradinha?”. Dudu aprende que se responder sim, será parabenizado (reforçado) e terá a carteirinha de pertencimento ao grupo dos homens.

Gênero, como importante marcador social em nossa cultura, constrói assim caminhos de subjetivação distintos para homens e mulheres. Trataremos agora desse processo de socialização.

MULHERES E DISPOSITIVOS AMOROSO E MATERNO

Em nossa cultura, as mulheres se subjetivam pelos dispositivos amoroso e materno. No dispositivo amoroso, mulheres aprendem a amar de forma identitária, isto é, no processo de socialização, elas aprendem a amar os homens, enquanto os homens aprendem a amar muitas coisas (ZANELLO, 2018). A chancela de sucesso do valor da mulheridade ainda é ressentida pela validação de se ter um homem. A metáfora para compreendermos o dispositivo amoroso é a da “prateleira do amor” (ZANELLO, 2018). Mulheres diversas ocupam lugares diferentes nessa prateleira, a qual é mediada por um ideal estético que foi construído em nosso país desde o começo do século passado para cá: ele é branco, louro, magro e jovem. Quanto mais distante desse ideal estético, pior a localização da mulher na prateleira e maior a chance de sofrer preterimento afetivo de homens brancos e negros. A chancela de sucesso e de validação como mulher é ser e manter-se escolhida.

Mulheres solteiras são vistas, assim, como as que foram preteridas (não escolhidas). Ou seja, a interpretação é que não há protagonismo na solteirice (que elas não podem escolher ser solteiras, por diversas razões). Por isso, situações comuns vividas por meninas jovens e mulheres são aquelas nas quais pessoas conhecidas perguntam, já no primeiro momento do encontro: “E os namorados?”. E quando a resposta é que estão solteiras, há comentários do tipo “mas uma moça tão bonita!” (ou tão prendada, ou tão simpática... coloque qualquer adjetivo aqui). O que se subentende é que ela deve ter algum defeito para estar “enclachada” na prateleira do amor.

Acerca do ideal estético, é importante que se diga que na adolescência essa vivência é ainda mais exacerbada. O que a cultura ensina às meninas é que o corpo é um capital de prestígio social e matrimonial. Ou seja, que a beleza (dentro do padrão eleito como belo) deve ser buscada. Por isso, são tão comuns “piadas” agressivas e *bullying* usando características físicas das meninas, sobretudo em relação àquelas que se encontram distante desse ideal, como meninas negras, gordas, com deficiência ou indígenas. Isso faz com que a autoestima das meninas e mulheres acabe sendo construída de forma relacionada à sua aparência, tanto facial quanto corporal, sendo este um dos aspectos da vulnerabilização marcada pelo gênero.

Por se subjetivarem na prateleira do amor, mulheres também se subjetivam umas em relação às outras pela rivalidade. Em geral, trata-se de tentar brilhar mais do que as outras ou de apagar o brilho alheio, para terem mais chances de se fazerem escolher. A prateleira é ruim para todas as mulheres, pois aponta para uma relação hierárquica que privilegia os homens como avaliadores

físico e moral das mulheres, enquanto eles mesmos não são avaliados. Quem avalia os homens são os próprios homens, na casa dos homens, como veremos adiante. Se a prateleira é ruim para todas as mulheres, ela é ainda pior para algumas, como por exemplo para mulheres negras, gordas, indígenas, com deficiência e velhas. Geralmente, são essas que permanecem solteiras, não por escolha, mas por preterimento afetivo (PACHECO, 2013). Quanto pior o lugar na prateleira, maior a intensidade da objetificação sexual sofrida pela mulher, mais se é vista como usável para relações sexuais e não como digna de receber afeto.

O dispositivo amoroso promove uma terceirização da autoestima das mulheres, de modo que elas aprendem que só são desejáveis se houver alguém as desejando. Por isso é tão comum quando não são paqueradas ou estão por algum tempo sozinhas, se sentirem mal, feias, “acabadas” (ou se colocando todos os defeitos, assim considerados a partir dos ideais acima descritos). A busca em se fazer ser escolhida pode cegar as mulheres, de modo que muitas se apaixonam não por certo homem em específico, mas pelo suposto apaixonamento do homem por elas mesmas. Daí também a dificuldade de sair de uma relação: não se perde apenas o homem, mas também e, sobretudo, a reparação na autoestima que o estar com ele promovia.

As relações heterossexuais são baseadas assim em uma profunda assimetria, visto que mulheres, pela socialização, se tornam amor-centradas: enquanto elas investem na relação, homens investem em seus próprios planos, necessidades e desejos. O que se espera é que elas abram mão de si mesmas para manterem a relação. Além disso, é interpelado, como vimos, o silêncio: mulheres aprendem a se calar para manter o bem-estar dos outros e das relações (ZANELLO, 2018). Frases comumente ouvidas são: “Nossa, mulher, para de reclamar, ele é um bom pai”, “Não brigue com ele, homem é assim mesmo”, etc. Não é à toa que o sofrimento emocional de mulheres tenha a ver, geralmente, com implosão psíquica, tal como a depressão e ansiedade. Mulheres aprendem, em geral, a se responsabilizar pela relação e pelo bem-estar dos seus parceiros.

Por fim, é importante ressaltar que a subversão da orientação sexual, no caso de mulheres lésbicas, não subverte necessariamente o dispositivo amoroso. Pelo contrário, temos geralmente nessas relações o encontro de dois dispositivos amorosos e por isso não é incomum que sejam relações perpassadas por muito afeto e cumplicidade (BAÊRE; ZANELLO, 2020a; ZANELLO, 2018).

Sobre o dispositivo materno, assim como o amoroso, trata-se de uma construção cultural. Como vimos, faz-se mister diferenciar a capacidade procriativa da capacidade de cuidar e maternar

uma criança. Se a primeira é restrita a seres com útero, a segunda é uma capacidade humana, que infelizmente tem sido interpelada apenas em uma parte da população. O dispositivo materno aponta assim para a necessidade, evocada nas meninas e mulheres, de sempre estarem disponíveis a cuidar e acolher os outros, sejam os da própria família, o(a) parceiro(a), os filhos, os parentes doentes, alguém que precise e, até mesmo, nas relações de trabalho. Ou seja, há uma pedagogia afetiva, cultural, do “heterocentrismo” (ZANELLO, 2018). Meninas aprendem que devem sempre priorizar necessidades, desejos, anseios dos outros em detrimento dos próprios. As mulheres continuam, portanto, a serem vistas como cuidadoras natas. É preciso destacar que qualquer ser humano precisa receber cuidados para sobreviver (mesmo quando adulto) e que a economia do cuidado tem sido pouco discutida e tematizada.

No Brasil, é necessário se fazer uma leitura interseccional, racializada, da distribuição do cuidado: de um lado temos as pessoas que mais cuidam e menos recebem cuidados – as mulheres negras pobres; de outro, quem mais recebe cuidados e menos cuida – homens brancos de classe média e alta. O cuidado impacta a saúde mental das pessoas, sendo fator de proteção, quando recebido, mas fator de risco quando exercido de forma desmedida (sobretudo quando acompanhado de seu não recebimento, ou seja, marcado só pelo *dar/fornecer cuidado*).

HOMENS E DISPOSITIVOS DE EFICÁCIA

Assim como o tornar-se mulher é fruto de processos de subjetivação interpelados por poderosos mecanismos sociais, também o tornar-se homem é marcado por certas especificidades. Segundo Badinter (1992), a masculinidade é construída de forma negativa e imperativa. Neste sentido, a frase comumente proferida aos meninos, “seja homem!”, aponta que a virilidade não seria algo “natural”, mas performada como a negação daquilo que é considerado como “feminino”.

A virilidade deve ser provada, construída, “fabricada”: “Dever, provas, competições, essas palavras dizem que há uma verdadeira tarefa a realizar para vir a ser um homem” (BADINTER, 1992, p.15). A homofobia é central na masculinidade hegemônica (KIMMEL, 2016) e, em seu fulcro, temos a misoginia, que é o repúdio às mulheres e às qualidades consideradas como femininas (ZANELLO, 2018).

A misoginia, pilar central da masculinidade hegemônica, pode se manifestar de diversas maneiras, sendo mais evidente quando ocorre de forma direta, como aquela presente em discursos de

ódio contra as mulheres. Porém, ela também se manifesta sutil e disfarçadamente. No Brasil, a forma mais comum de manifestação da misoginia por parte dos homens é a objetificação sexual (ZANELLO, 2020).

A objetificação sexual é uma expressão disfarçada da misoginia, pois faz muitos homens acreditarem que “amam” mulheres e as apoiam, simplesmente por desejá-las sexualmente. Como apontamos, dentre todas as emocionalidades interpeladas no tornar-se homem, a objetificação sexual é a mais forte e a mais importante como comprovação e exibição do que se considera masculinidade (ZANELLO, 2020).

O que se aprende, como homem, é a ocupação de uma posição hierárquica, superior, que se deve ter em relação ao grupo de mulheres, mas também uma performance a ser exibida constantemente perante os pares, outros homens (BOURDIEU, 2019). Essa aprendizagem emocional e performática começa cedo e, também, por outras vias. Para entender esse processo de socialização, Daniel Welzer-Lang (2001) criou uma metáfora: a casa dos homens. Segundo ele, para ser iniciado na masculinidade, o pequeno *infans* (aquele que não fala) deve atravessar provas (constantes em todo o decorrer da vida), proporcionadas por outros homens, que o interpelam ao combate e ao abandono de todos os aspectos que o associem às mulheres. O processo de hombrificação (de socialização e introjeção da masculinidade) passa pelo embrutecimento: dos meninos e homens em relação a si (no que diz respeito ao corpo próprio e às emoções), na relação com mulheres e na relação com outros homens.

Podemos ver, como exemplo do funcionamento da casa dos homens, diversas situações de *bullying* na escola, na qual os rapazes se juntam para tirar sarro e assujeitar outros meninos ou mais fracos ou que expressem trejeitos considerados como femininos. Também são comuns entre eles piadas e conversas sobre os corpos das meninas. Muitos meninos que ressentem e têm consciência de um desejo diferente da heterossexualidade performam a objetificação sexual das mulheres perante outros meninos, ou fazem *bullying* com meninos considerados afeminados (BAÉRE; ZANELLO, 2020b). Trata-se de uma tática para escapar justamente da violência homofóbica e uma tentativa de criar laços de pertencimento.

A masculinidade hegemônica se constrói assim num jogo de subjugação das mulheres, mas também de outros homens. No entanto, a dominação de homens mais viris não deve ser analisada como um bloco monolítico, pois as relações não se reproduzem identicamente. Existem importantes interseccionalidades com raça, faixa etária, classe social etc. Há, portanto, hierarquia entre os próprios homens e é no duplo poder (sobre as mulheres e outros homens) que se estruturam as hierarquias masculinas. Temos assim a masculinidade hegemônica, aquela que é performada pelos rapazes e homens que mais se aproximam dos ideais de masculinidade em

uma dada época, e masculinidades subalternas, performadas por outros homens, tais como, na nossa cultura hoje, gays e homens negros (KIMMEL, 1998; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Ou seja, há maior distância do topo da pirâmide e do exercício de poder. Mas, nem por isso, se deixa de ter privilégio sobre o grupo de meninas/mulheres, nem de ser mediado pelos valores da masculinidade hegemônica. Além disso, a casa dos homens é gerida pela cumplicidade da “broderagem”. O que se aprende, como lealdade e prova de pertencimento a essa casa, é a manutenção do silêncio cúmplice. Assim, se mulheres aprendem a se calar para promover o bem-estar dos outros e manter as relações, homens se calam por cumplicidade a outros homens.

Os valores ideais da masculinidade hegemônica são pautados pelo dispositivo da eficácia. Ele é marcado pela virilidade sexual e laborativa. Da mesma maneira que o sentimento de maternidade, em relação às mulheres, se transformou, o mesmo ocorreu com o lugar ocupado pelo trabalho e seu valor social. Trabalhar passou a ser um valor em si mesmo, uma virtude (WEBER, 2004). A chance do sucesso neste quesito, atualmente, seriam a disponibilidade de dinheiro (e, se possível, seu acúmulo) e o status social. Nesse sentido, não é à toa ser bastante comum entre meninos o desejo de obter essa ascensão, seja pelo estudo (em algumas classes sociais), seja pelo exercício de profissões que tragam o sonho dessa possibilidade, como ser jogador de futebol (reconhecido e rico). O trabalho é um fator identitário para os homens (que os coloca em xeque), diferentemente do que é para as mulheres. Prova disso é que uma mulher que não trabalha (no âmbito público), mas se dedica à casa e aos filhos, ou aos pais, consegue encontrar espaço de reconhecimento social.

A virilidade sexual aparece não apenas na objetificação sexual das mulheres, mas em dois fenômenos: na transformação das mulheres em objetos-troféus de chancelamento do valor da masculinidade, isto é, o status de “macho” adquirido será maior, quanto mais a mulher a que se teve/tem acesso seja bem localizada na prateleira do amor. Seria a diferença, por exemplo, entre ficar com a Mariazinha da esquina, ou “pegar” uma atriz famosa da TV. E, segundo, nas metáforas quantitativas, sobre quantas mulheres pegou, dando provas de que é um “pegador”.

VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES⁴

O Brasil é um país bastante violento, sobretudo contra mulheres e pessoas negras. Estamos entre os 10 países (em muitos casos, entre os primeiros) com maiores índices de violência contra mulheres: feminicídio (assassinato da mulher por motivos de gênero), violência doméstica, estupro, assédio sexual em lugares públicos, assédio sexual e moral no trabalho etc. Uma em cada 3 mulheres no Brasil já sofreu violência por parte de um homem (DATASENADO,

⁴ Essa parte da cartilha é baseada no livro de bolso “Prateleira do amor: Sobre mulheres, homens e relações” (ZANELLO, 2022).

2021). Esse dado é alarmante e aponta que, com certeza, conhecemos várias mulheres que já passaram por situações de violência de gênero ou você mesma, leitora, pode ter passado por algumas delas.

A violência contra mulheres ocorre tanto no âmbito público, quanto no âmbito privado, porém, é nesta última esfera onde ela adquire sua faceta mais cruel. É sobretudo nos lares e na vida privada que as mulheres são violentadas em nosso país (DAY ET AL, 2003; ENGEL, 2020). No Brasil, estima-se que cinco mulheres são espancadas a cada 2 minutos; o parceiro (marido, namorado ou ex) é o responsável por mais de 80% dos casos (FPA/SESC, 2010).

Muitos crimes de homicídio de mulheres se tornaram famosos no país, em função da impunidade. O caso brasileiro mais famoso é de Maria da Penha, mulher quase assassinada pelo marido e que lutou pela criação de políticas de proteção às mulheres no que tange à violência doméstica, e cujo nome deu origem à criação da Lei Maria da Penha, em 2006. Infelizmente, Maria da Penha não foi nem é uma exceção em nosso país. A criação e aprovação da Lei foi um importante marco e avanço para o direito das mulheres. Esta Lei visa coibir e combater a violência doméstica e familiar contra as mulheres, bem como criar mecanismos de proteção para elas. A Lei Maria da Penha contempla 5 tipos de violências, a saber: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial. Tratemos resumidamente de cada uma delas, a seguir⁵:

Violência física: qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher. Exemplos: espancamento, estrangulamento, lesões com ou sem objetos (cortantes ou perfurantes), provocar queimaduras etc.

Violência psicológica: qualquer conduta que cause dano emocional e diminuição da autoestima; prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento da mulher; ou vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças ou decisões. Ex: manipulação, *gaslighting*⁶, vigilância constante, insulto, chantagem, exploração, ridicularização etc.

Violência sexual: conduta que constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força. Ex: estupro, obrigar a mulher a fazer atos sexuais que causam desconforto ou repulsa; impedir o uso de métodos contraceptivos; forçar matrimônio, gravidez ou prostituição etc.

Violência patrimonial: conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades. Exemplos: controlar dinheiro, deixar de pagar pensão alimentícia, destruição de documentos pessoais; furto, extor-

⁵ Fonte: Instituto Maria da Penha, site.

⁶ * *Gaslighting*: Tipo de violência psicológica, na qual o agressor faz com que a vítima passe a duvidar de sua própria percepção, memória e sanidade mental. Exemplo clássico é quando um homem assedia outras mulheres (mesmo com o olhar) na frente da parceira e, quando questionado, diz que ela é louca, paranoica e nega qualquer percepção que ela possa ter tido do ocorrido. Ou quando diz algo que a magoa e quando ela se refere a sua fala, nega categoricamente que tenha falado aquilo, afirmando que ela está inventando coisas, que é “coisa da cabeça” dela.

são ou dano; estelionato, privar de bens; causar danos propositalmente a objetos da mulher ou dos quais ela goste.

Violência moral: conduta que configure calúnia, difamação ou injúria. Exemplos: acusar a mulher de traição; emitir juízos morais sobre sua conduta; fazer críticas mentirosas; expor a vida íntima; rebaixar a mulher por meio de xingamentos que incidem sobre sua índole; desvalorizar a vítima por seu modo de se vestir.

É importante salientar que por “familiar” (presente na expressão “violência doméstica e familiar”) se subentende pessoas que moram sob o mesmo teto. A violência contra as mulheres cometida por parceiro íntimo começa de forma sorrateira, raramente como uma violência direta. Exemplos: uma piada machista de mau gosto, um olhar duro de ciúmes, uma palavra de desqualificação, um xingamento... A tendência, em geral, é que ela cresça.

Nesse sentido, importa destacar o que se configura como “ciclo de violência”. Este fenômeno foi descrito em 1979, por Lenore Walker. A autora percebeu que as agressões, dentro de um contexto conjugal violento, ocorrem de forma repetida, dentro de um ciclo, composto por 3 fases. Na fase 1, há um aumento na tensão, o agressor fica irritado por pequenas coisas, tem acessos de raiva, e a mulher tenta contornar a situação, evitando comportamentos que pense poder irritá-lo. Ela sente medo, angústia, tristeza, ansiedade e, muitas vezes, culpa, porque se responsabiliza pelo comportamento do agressor. Essa fase pode demorar pouco ou muito tempo e geralmente leva à fase 2. Na fase 2, o agressor perde o controle e explode, passando ao ato violento. Geralmente a mulher se sente impotente e paralisada, sente ansiedade, medo, insônia, fadiga, vergonha, dor e solidão. Pode buscar ajuda ou tentar resolver tudo sozinha por conta da vergonha. Na fase 3, o agressor se mostra arrependido e demonstra um comportamento carinhoso, como se buscasse reparar a violência cometida. A mulher muitas vezes perdoa e se sente feliz, mesmo que por curto período de tempo, por ver uma tentativa de mudança por parte do companheiro, até que, por qualquer motivo, há um aumento de tensão e recomeça a fase 1⁷. Em geral, mulheres ficam capturadas pelos dispositivos amoroso e materno nesta dinâmica.

Além disso, há um processo de naturalização da violência para quem a sofre, por conta da repetição. Nesse sentido, é muito comum ouvirmos de mulheres que sofreram violência doméstica e/ou por parceiro íntimo frases do tipo: “Ele nunca me bateu, doutora, só me xingou!”, “ele nunca foi violento, ele só gritava e falava alto”, Ou “pegava com força no meu braço, mas bater, nunca bateu”. O processo de desnaturalização da violência, no sentido de visibilizá-la e de diminuir novamente seu limite de tolerância é fundamental e deve fazer parte de uma política de combate à violência contra as mulheres; propósito esse do qual este baralho compartilha. O letramento de gênero é parte fundamental desse projeto.

⁷ <https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/ciclo-da-violencia.html>

Em 2016, houve outro avanço jurídico em nosso país: o feminicídio foi qualificado como crime hediondo de ódio contra as mulheres, tornando mais duras as penas aos homens que o cometerem. Apesar de a Justiça ser um dos fatores de combate à violência contra as mulheres, não deve ser o único e nem é o mais eficaz. A violência contra as mulheres é um fenômeno histórica e socialmente construído e que se encontra profundamente arraigado em nossa cultura. Crimes como feminicídio, violência doméstica e estupro são apenas a ponta de um iceberg cultural muito maior, que naturaliza e banaliza as violências contra as mulheres. Exatamente por ser um fenômeno cultural é que a educação e a escola adquirem papel tão importante em sua problematização e desnaturalização, e podem contribuir para a abertura e construção de outras possibilidades comportamentais e emocionais para meninos e meninas. A criação desse jogo teve como objetivo justamente auxiliar esse processo.

Um dos passos importantes no combate à violência contra as mulheres é a denúncia. No Brasil, isso pode ser feito por telefone, através do número 180. Além disso, a queixa também pode ser formalizada nas delegacias da mulher, presentes em várias cidades brasileiras. No caso de serem meninas menores de idade, isso pode se dar no Conselho Tutelar, na Delegacia da Infância e Juventude ou, também através do Ministério Público. A denúncia ajuda a cortar o ciclo da violência e é um importante passo no resgate da menina/mulher que se encontra nessa situação; auxilia, também, a visibilizar a violência, visto que é comum que se desenvolva, tal como apontamos, um processo de insensibilização, inclusive como estratégia de sobrevivência.

Além da denúncia, um dos principais meios de combate à violência é o processo de educação, mas uma educação que promova letramento de gênero. Isto é, que forneça palavras que visibilizem vivências amplamente naturalizadas e, por isso mesmo, não identificadas, seja pelas meninas/mulheres que as sofrem, seja pelos próprios meninos/homens. A criação e o desenvolvimento deste jogo de baralho pretendem proporcionar o estranhamento dessas violências e promover reflexões e transformações de comportamentos e emoções a elas relacionados.

Caso você queira aprofundar o conhecimento nas temáticas aqui abordadas, aconselhamos ler o livro de bolso “Prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações” (ZANELLO, 2022) ou a obra “Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação” (ZANELLO, 2018).

Na próxima parte da cartilha, você vai aprender as regras do jogo e como utilizá-lo.

RECURSOS PARA JOGAR EMANCIPAÇÃO

MATERIAIS DE PAPELARIA

- a. Jogo de Cartas Emancipação;
- b. Canetinhas coloridas;
- c. Papel A4.

ESPAÇO FÍSICO

- a. Sala ampla e arejada;
- b. Cadeiras que possam ser posicionadas em formato de semicírculo;
- c. Mesa grande para colocar os materiais de papelaria e espalhar as cartas do jogo Emancipação.

REGRAS GERAIS

- a. Embaralhe as cartas de número 01 a 52 em uma superfície plana.
- b. Separe as cartas “Saiba Mais” em um canto. Elas serão consultadas durante o jogo.
- c. Disponha de papel e canetinhas, pois poderão ser utilizados para responder algum desafio.
- d. Em grupo, defina a vez de quem vai retirar a carta. Recomenda-se a retirada de uma carta por vez.
- e. Ao retirar a carta, leia e responda em voz alta para todo o grupo ouvir. O conteúdo da carta pode ser uma pergunta ou um desafio.
- f. Após responder, permaneça com a carta retirada até o final do jogo.

REGRA BÔNUS

- a. Você e seu grupo podem criar novas formas de jogar!

ACORDOS GRUPAIS

- a.** Enfatizar que é um jogo cooperativo. Logo, não é uma competição e tampouco há respostas certas ou erradas. A ideia é compartilhar opiniões, percepções e afetos no grupo.
- b.** As opiniões, percepções e relatos dos participantes não devem ser motivos de ironias ou qualquer desqualificação. Estabelece-se o compromisso de que tudo que é partilhado no grupo, permanece no grupo. O objetivo é reforçar os vínculos de confiança entre todos(as).
- c.** Estabelecer um limite de até 15 participantes por ciclo de jogo. Cada rodada tem duração prevista entre 1h30min e 2 horas de jogo. A depender do ritmo do grupo, o tempo de duração pode ser ultrapassado.
- d.** Caso algum/a participante sinta desconforto em responder a carta que retirou do centro da mesa, pede-se que a devolva e retire outra. É sempre importante perguntar se todos(as) estão de acordo em participar e/ou confortáveis em responder as questões do jogo.
- e.** O/A mediador(a) deve ficar atento com os temas que foram mais debatidos ou trouxeram mais movimentação no grupo. Recomenda-se que o/a mediador(a) tenha um material próprio para anotação (caderno, ficha de preenchimento da atividade, outros). Tais temáticas poderão ser trabalhadas em outros espaços e com outras mídias/recursos, caso sejam assuntos do escopo do tema do jogo.

CONTEÚDOS TEMÁTICOS

TEMAS PRINCIPAIS

Nas cartas de 01 a 13 podem ser discutidos os seguintes temas:

- a. Ideal estético e o corpo como capital simbólico e matrimonial para meninas/mulheres [Cartas 01; 09; 13].
- b. Prateleira do amor e a diáde ser escolhida x ser preterida [Cartas 02; 04; 08; 10].
- c. Assimetria de investimento nas relações amorosas, abrir mão (renunciar) e se calar [Cartas 05; 12].
- d. Estar/ser solteira [Carta 06].
- e. Idealização do amor romântico [Carta 03].

02

Para comemorar seu aniversário, Sofia convidou toda a galera da escola para uma festa em sua casa.

Na festa, todas as suas amigas foram abordadas por rapazes que estavam a fim de conquistá-las, menos Sofia. Ela ficou arrasada, se perguntando "o que há de errado comigo?".

O que você diria para Sofia?

emancipação

JOGANDO CONTRA O MACHISMO

COMANDOS E INTERAÇÕES

As cartas de números 07 e 13 possuem em seu cabeçalho o título **FALA, GALERA!**.

Esse comando significa que, após o/a participante responder à questão, todos os membros do grupo também deverão dar sua opinião sobre o conteúdo das respectivas cartas.

As cartas de números 10 e 12 solicitam que o/a participante retire também a carta do eixo **"SAIBA MAIS"**. Esse comando permite que se tenha acesso a conteúdos para aprofundamentos temáticos. Os/As participantes terão informações de autoras/instituições/entidades/canais de comunicação que complementam a temática da respectiva carta.

ADAPTAÇÕES POSSÍVEIS

Há a possibilidade de se jogar o *Emancipação* por camadas. Nesse sentido, as/os mediadoras/es podem escolher trabalhar somente esse conjunto de cartas dentro de algum programa de atividade já estabelecido com os participantes como um recurso inicial de mobilização para o debate.

CONTEÚDOS TEMÁTICOS

TEMAS PRINCIPAIS

Nas cartas de 14 a 26 podem ser discutidos os seguintes temas:

- a. Objetificação sexual das mulheres [Carta 14].
- b. Julgamentos/Valores sociais diferentes para mulheres e homens [Cartas 16; 17; 24].
- c. Culpabilização das mulheres pela violência sofrida [Carta 18].
- d. Rivalidade entre mulheres e desresponsabilização dos homens [Carta 25].
- e. Estar solteira para uma mulher [Cartas 15; 22].
- f. Estereótipos e representações sociais de homens e mulheres [Cartas 20; 21].
- g. Pedagogia do heterocentrismo (dispositivo materno) em meninas/mulheres [Cartas 26].

14

Muitas são as propagandas que utilizam o apelo sexual usando, sobretudo, corpos femininos.

Isso acontece com produtos que são consumidos tanto por homens como por mulheres.

Pense em uma propaganda que circula na mídia em que as mulheres têm seus corpos explorados com o objetivo de atrair, principalmente, o olhar masculino. Compartilhe com o grupo e justifique a escolha da propaganda.

A seguir, para entender mais sobre o tema, leia a carta **SAIBA MAIS** N. 03.

emancipação

JOGANDO CONTRA O MACHISMO

COMANDOS E INTERAÇÕES

As cartas de número 23 e 26 possuem em seu cabeçalho o título **FALA, GALERA!**.

Esse comando significa que, após o/a participante responder à questão, todos os membros do grupo também deverão dar sua opinião sobre o conteúdo das respectivas cartas.

As cartas de número 14, 23, 25 e 26 solicitam que o/a participante retire também a carta do eixo **“SAIBA MAIS”**. Esse comando permite que se tenha acesso a conteúdos para aprofundamentos temáticos. Os/As participantes terão informações de autoras/instituições/entidades/canais de comunicação que complementam a temática da respectiva carta.

ADAPTAÇÕES POSSÍVEIS

Há a possibilidade de se jogar o *Emancipação* por camadas. Nesse sentido, as/os mediadoras/es podem escolher trabalhar somente esse conjunto de cartas dentro de algum programa de atividade já estabelecido com os participantes como um recurso inicial de mobilização para o debate.

CONTEÚDOS TEMÁTICOS

TEMAS PRINCIPAIS

Nas cartas de 27 a 39 podem ser discutidos os seguintes temas:

- a. Virilidade sexual para os meninos [Cartas 28; 29; 30; 39].
- b. Misoginia e homofobia [Cartas 31; 33; 37; 38].
- c. Cumplicidade na casa dos homens e broderagem [Cartas 27; 32].
- d. Embrutecimento viril e competição [Cartas 34; 35].

32

Eduardo participa de um grupo só de garotos no WhatsApp. Um dia, seu amigo Pedro compartilhou algumas mensagens íntimas que sua namorada tinha mandado.

Eduardo não achou correto e se sentiu desconfortável com a atitude de Pedro, mas não fez nenhum comentário sobre o fato.

O que você acha da atitude de Pedro e de Eduardo? Caso a namorada de Pedro descobrisse o que aconteceu, como ela se sentiria?

Após responder, complemente o debate lendo a carta SAIBA MAIS N. 08.

emancipação

JOGANDO CONTRA O MACHISMO

COMANDOS E INTERAÇÕES

As cartas de número 28, 30, 34, 38 e 39 possuem em seu cabeçalho o título **FALA, GALERA!**.

Esse comando significa que, após o/a participante responder à questão, todos os membros do grupo também deverão dar sua opinião sobre o conteúdo das respectivas cartas.

As cartas de número 28, 32, 37 solicitam que o/a participante retire também a carta do eixo **“SAIBA MAIS”**. Esse comando permite que se tenha acesso a conteúdos para aprofundamentos temáticos. Os/As participantes terão informações de autoras/instituições/entidades/canais de comunicação que complementam a temática da respectiva carta.

ADAPTAÇÕES POSSÍVEIS

Há a possibilidade de se jogar o Emancipação por camadas. Nesse sentido, as/os mediadoras/es podem escolher trabalhar somente esse conjunto de cartas dentro de algum programa de atividade já estabelecido com os participantes como um recurso inicial de mobilização para o debate.

CONTEÚDOS TEMÁTICOS

TEMAS PRINCIPAIS

Nas cartas de 40 a 52 podem ser discutidos os seguintes temas:

- a. Expressões violentas (naturalizadas) do machismo/controlado (invisibilizado) das mulheres [Cartas 40; 43; 48].
- b. Tipos de violência contra mulheres [Cartas 41; 50].
- c. Crenças errôneas sobre violência contra mulheres [Cartas 42; 44; 46].
- d. O que fazer [Cartas 45; 47].
- e. Ciclo da violência [Carta 52].

52

Marcelo se diz muito apaixonado por Bruna. Os dois têm uma relação cheia de altos e baixos. É comum Marcelo se exaltar e reagir de forma agressiva com Bruna. Um dia ele pegou um copo e jogou na parede da sala. Bruna ficou bastante assustada e terminou o namoro. No outro dia, Marcelo apareceu em sua casa chorando, com um buquê de rosas, pedindo desculpas e prometendo que isso nunca mais voltaria a acontecer.

O que vocês entendem dessa situação?

emancipação

JOGANDO CONTRA O MACHISMO

COMANDOS E INTERAÇÕES

As cartas de número 42, 43, 46 e 50 possuem em seu cabeçalho o título **FALA, GALERA!**.

Esse comando significa que, após o/a participante responder à questão, todos os membros do grupo também deverão dar sua opinião sobre o conteúdo das respectivas cartas.

As cartas de número 41, 46, 47 e 50 solicitam que o/a participante retire também a carta do eixo **“SAIBA MAIS”**. Esse comando permite que se tenha acesso a conteúdos para aprofundamentos temáticos. Os/As participantes terão informações de autoras/instituições/entidades/canais de comunicação que complementam a temática da respectiva carta.

ADAPTAÇÕES POSSÍVEIS

Há a possibilidade de se jogar o Emancipação por camadas. Nesse sentido, as/os mediadoras/es podem escolher trabalhar somente esse conjunto de cartas dentro de algum programa de atividade já estabelecido com os participantes como um recurso inicial de mobilização para o debate.

SUGESTÕES DE MATERIAIS DE APOIO

Para contribuir com a fundamentação e mediação do debate promovido pelo Jogo de Cartas Emancipação sugerimos consulta às produções acadêmicas, aos materiais de divulgação científica e aos artefatos de mídia, a seguir.

PRODUÇÕES ACADÊMICAS

FEITOSA, L.R.C. *Jogos Sérios*, 2022. Obtido em <https://www.youtube.com/watch?v=qex6CxDbC5Y&t=4s>

FEITOSA, L. R. C. *Guia Prático do Jogo de Cartas Travessias: Adaptado para o programa Novos Caminhos*. Forianópolis, 2020.

FEITOSA, L. R. C. Trajetórias escolares e profissionais na educação profissional e tecnológica: A concepção do projeto Travessias. In: LUCAS, M.S.J; FEITOSA, L.R.C. (Org.). *Reflexões sobre Orientação Profissional, Trajetórias escolares e Carreira: Perspectivas e desafios*. 1ed.Curitiba: CRV, 2020, p. 47-58.

VIZA, B. H.; SARTORI, M.; ZANELLO, V. (Orgs.). *Maria da penha vai à Escola: Educar para prevenir ecoibir a violência doméstica e familiar contra a mulher*. 1. ed. Brasília: TJDF, 2017.

ZANELLO, V. Masculinidades, cumplicidade e misoginia na “casa dos homens”: um estudo sobre os grupos de whatsapp masculinos no Brasil. In: FERREIRA, L. (Org.). *Gênero em perspectiva*. 1ed. Curitiba: CRV, 2020, p. 79-102.

ZANELLO, V. *Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris, 2018.

ZANELLO, V. *A Prateleira do amor. Sobre mulheres, homens e relações*. Curitiba: Appris, 2022.

ZANELLO, V.; BUKOWITZ, B.; COELHO, E. Xingamentos entre adolescentes em Brasília: linguagem gênero e poder. *Interações*, 7, 17, 151-69, 2011.

ZANELLO, V.; GOMES, T. Xingamentos masculinos: a falência da virilidade e da produtividade. *Caderno Espaço Feminino*, 23, n. 1-2, 265-80, 2010.

ZANELLO, V.; ROMERO, A. C. “Vagabundo” ou “vagabunda”? Xingamentos e relações de gênero. *Revista Labrys*, 2012.

FILMES/DOCUMENTÁRIOS

As sufragistas

The mask you live in

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

A casa dos homens em grupos masculinos de Whatsapp: misoginia e cumplicidade

<https://youtu.be/Sss2F3mVPg8>

Ciúmes e mulheres heterossexuais: prateleira do amor e interseccionalidades

<https://youtu.be/HQTtYl3O44E>

Cultura do estupro no Brasil

<https://www.youtube.com/watch?v=IPioQhcDQjg∓v=457s>

Dispositivo amoroso e mulheres

<https://youtu.be/zwS0HdFIyH0>

Dispositivo materno e mulheres

https://youtu.be/ozFrTCW_7l0

Educação formal, mulheres e dispositivos de gênero: desafios

<https://youtu.be/a8HOIM5Kc6E>

Masculinidades e dispositivo da eficácia

<https://youtu.be/wU8TSr-Vbzk>

Música sertaneja e dispositivo amoroso: tecnologia e de gênero e pedagogia do amar para mulheres

<https://youtu.be/j3ZpFlx3nZ8>

Por que xingamos homens e mulheres de modo diferente?

<https://youtu.be/nos3Q4DulJs>

Saúde mental e gênero

<https://youtu.be/-EQmuYAMOTk>

SITES E REDES SOCIAIS

BLOG Saúde mental e gênero

<https://saudentalegenero.wordpress.com/>

Canal Youtube (Valeska Zanello)

<https://www.youtube.com/channel/UC54qAezd51glNA4vtBiJ2Rg>

Instituto Maria da Penha, site

<https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/ciclo-da-violencia.html>

REFERÊNCIAS

Para a elaboração desse Guia, as principais referências foram:

BADINTER, E. *Um amor conquistado - O amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, E. *XY De l'identité masculine*. Paris: Odile Jacob, 1992.

BAÉRE, F.; ZANELLO, V. Suicídio e Masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. *Psicologia em Estudo*, v. 25, 2020a.

BAÉRE, F.; ZANELLO, V. O envelhecimento de lésbicas e gays: a longevidade dos dispositivos de gênero. In: ARAÚJO, L.F.; SILVA, H.S. (Orgs). *Envelhecimento e Velhice LGBT: práticas e perspectivas biopsicossociais*. Campinas: Alinea, 2020b, p. 23-40.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

BUTLER, J. Actos performativos y constitución del género: um ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. In: CASE, S.H. (Org). *Performing Feminisms: Feminist Critical Theory and Theatre*. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1, 1990, p. 296-314.

BUTLER, J. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. (4ª edição). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CONNELL, R. W.; MESSERCHMIDT, J.W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, v.21, n.1, 2013.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas* (1), 171-188, 2002.

DATASENADO. *Violência doméstica e familiar contra a mulher*. 9ª. Edição, 2021.

DAY, V.P. et all. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Revista de Psiquiatria*, Rio Grande do Sul, v.25, no.1, 2003.

ENGEL, C.L. A violência contra a mulher. In: FONTOURA, N; REZENDE, M.; QUERINO, A.C. (orgs). *Beijing +20: Avanços e desafios no Brasil Contemporâneo*. Brasília: IPEA, 2020.

FEDERICI, S. *O ponto zero da revolução*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

FEITOSA, L. R. C. *Guia Prático do Jogo de Cartas Travessias: Adaptado para o programa Novos Caminhos*. Florianópolis, 2020.

FPA/SESC. *Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado*, 2010.

GONZALEZ, L. Sexismo e racismo na cultura brasileira. Apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil”, IV Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1980. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.

KIMMEL, M.S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, Ano 4, n.9, 1998, p.103-117.

KIMMEL, M. Masculinidade como homofobia: medo, vergonha e silêncio na construção da identidade de gênero. *Equatorial*, 3(4), 2016, p. 97-124.

LAQUEUR, T. *Inventando o sexo- Corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In HOLLANDA, H. B. Tendências e Impasses - *O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.206-242.

LERNER, G. *A criação do patriarcado. História da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019.

PACHECO, A.C.L. *Mulher negra: afetividade e solidão*. Salvador: EdUFBA, 2013.

PATEMAN, C. *O contrato sexual*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

PISCITELLI, A. “Recriando a (categoria) Mulher?”. In: ALGRANTI, L. (org.) *A prática Feminista e o Conceito de Gênero. Textos Didáticos*, nº 48., Campinas, IFCH-Unicamp, 2002, p. 7-42.

SEGATO, R.L. *La guerra contra las mujeres*. Buenos Aires: Prometo, 2020.

SEGATO, R.L. *Las estructuras elementales de la violencia. Ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

SPIVAK, G. Interview with Angela McRobbie. *Block* (10), p.5-9, 1985.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista de Estudos Feministas*, II, 460-482, 2001.

VISA, B. H.; SARTORI, M.; ZANELLO, V. (Orgs). *Maria da Penha vai à Escola: Educar para prevenir e coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher*. Brasília: TJDF, 2017.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ZANELLO, V. Masculinidades, cumplicidade e misoginia na “casa dos homens”: um estudo sobre os grupos de whatsapp masculinos no Brasil. In: FERREIRA, L. (Org.). *Gênero em perspectiva*. Curitiba: CRV, 2020, p. 79-102.

ZANELLO, V. *Prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações*. Curitiba: Appris, 2022.

ZANELLO, V. *Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris, 2018.

SOBRE AS COORDENADORAS DO PROJETO

VALESKA ZANELLO

Psicóloga, filósofa e doutora em Psicologia, pela Universidade de Brasília, com período sanduíche de um ano na Université Catholique de Louvain (Bélgica). Atualmente é professora associada do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília e é orientadora de mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPGpsiCC/UnB). Coordena o grupo de pesquisa “Saúde Mental e Gênero” (foco em mulheres) no CNPq. Já orientou 18 dissertações de mestrado e 5 teses de doutorado. Possui inúmeros livros, capítulos e artigos publicados sobre o tema dos processos de subjetivação, gênero e interseccionalidades com raça e etnia. A professora desenvolve pesquisas sobre: **a)** Tecnologias de gênero (músicas, filmes, livros, etc.) e constituição subjetiva; **b)** Adoecimento psíquico e saúde mental de mulheres em sociedades sexistas como a brasileira, utilizando-se das categorias analíticas do dispositivo amoroso e materno; **c)** Masculinidades e dispositivo da eficácia (casa dos homens e cumprimentos; imaginário erótico; e violências); **d)** Técnicas de intervenção em gênero; **e)** Violências (explícitas e implícitas) contra as mulheres; **f)** Educação não sexista.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0163069128352529>

E-mail: valeskazanello@gmail.com

Blog: <https://saudementalenegenero.wordpress.com/>

Instagram: @zanellovalesska

Canal do Youtube: <https://www.youtube.com/channel/UC54qAezd5IglNA4vtBiJ2Rg>

LÍGIA ROCHA CAVALCANTE FEITOSA

Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestrado e Doutorado em Psicologia, com estágio sanduíche na Universidade do Minho (Portugal). Experiência como Docente da área de Psicologia em Instituições de Ensino Superior, Psicóloga no contexto da Educação Profissional e no contexto de Políticas Públicas do Poder Executivo. Atualmente, coordena o Grupo de Pesquisa Trabalho, Trajetórias, Juventudes e Educação (TRAJE) e integra o Laboratório de Psicologia Escolar e Educacional da Universidade Federal de Santa Catarina. Possui interesse e produções acadêmicas ligadas às áreas Psicologia do Trabalho, Psicologia Escolar, Educação Superior, Educação Profissional e Tecnológica, Juventudes, Trajetórias, Formação Profissional e Metodologias Qualitativas.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1762505237694027>

E-mail: ligia.cavalcante.feitosa@gmail.com

Instagram: @travessias.ufsc

